



# Tapirapé, o caminho da anta

**Ulisses Campanha Parente**

*Cooperado de Radiologia*

Tainaçã abaixa os olhos amendoados e se aproxima da pequena estrela caída junto ao pé de cumari. Ao tocar a superfície enrugada, o corpo astral se desfaz em cintilações finas que logo desaparecem na vegetação rasteira da planície. Tainaçã está triste, pois quando chove estrelas o mundo fica mais feio.

Magé disse que as estrelas já foram curumins malcomportados, condenados a ver a gente lá do céu sem jamais retornar a Ybi. Muitas noites, quando Yaci vai alta no céu, o tapirapé fica riscado de luz e a terra, coberta de brilhantes.

Tainaçã olha para cima: ainda vê Tapira, Nhandú e Çuaçú. Se os bichos subiram pelo caminho de flechas, por que não descem e levam as estrelas de novo para o alto? E por que deixam que Ybi se torne tão feia que o verde das árvores esmaeça, e que a água dos rios fique negra e pegajosa matando os pirás?

Por onze anos Tainaçã só fez a correr, caçar e pescar; havia fartura e a vida de criança era puro divertimento. Mas desde o último araymã, quando passou a chover estrelas, tudo está diferente: abás embriagados de cauim pelejam entre si; curumins fogem; alguns se perderam para sempre na floresta. É tanta gente chorando, pajelança e danças sem que Tupã faça alguma coisa. Parece que Tupã se esqueceu de Ybi.

Magé lhe disse que é assim: toda vez que Tupã entristece, Anhangá fica forte e se põe a brincar com as coisas frágeis, aquelas que trazem porangaba ao mundo. E Anhangá é um velho rabugento, de brincadeiras más que acabam por enfraquecer ainda mais essas coisas, aprisionando-as no tronco da sumaumeira. Para libertá-las, é preciso que alguém de coração puro, protegido pela força do muiraquitã, entre sozinho na floresta e caminhe até as margens do votorantim, onde se ergue a grande árvore.

Tainaçã passa as mãos no pescoço e sente a superfície fria do amuleto, relíquia passada de geração a geração desde a fundação da tribo por Aruanã. O toque lhe dá forças para pisar no coração de Caaeté e caminhar pela trilha.

Já tendo andado bastante, Tainaçã tem um pressentimento e se vira: dois olhos enormes, brilhantes como gamelas de fogo seguem-na de longe; o movimento cadenciado denuncia o passo macio de yawaretê. Tainaçã tem medo, mas sabe que a fera não pode com aquele que porta o muiraquitã. A menina se apressa.

Minutos depois já pode ouvir o rumor das águas se desfazendo em flocos densos antes de cair no Ururaí. Ela sabe de cor o ritual: esfregar o polegar nas reentrâncias da cortiça e quando o sangue brotar, proferir o encanto.

A garota sente a dor e o lacerar da pele. Antes que abra a boca, contudo, algo se aproxima. Um calafrio interrompe seus pensamentos enquanto a língua áspera percorre-lhe a nuca e se entrelaça na embira que segura o amuleto. Tainaçã aperta os dedos contra o muiraquitã: oré oro-só. Oro-î-mo-endy t-atá.

Nesse instante, luzes multicores brotam do tronco centenário da sumau-meira. As luzes, contudo, não se espalham nem trazem porangaba de volta. Ficam paradas em torno de Ybirá. Ao mirar em torno, em vez da fera, Tainaçã se depara com o velho diabo de olhos faiscantes e unhas imensas estendidas para o rio; a boca encarquilhada e sem dentes emite grunhidos que a menina não compreende.

De repente, cessa o rumor das águas, os gritos de wariwa ecoam tristes pela floresta, a wirá pia lamentosa e o chão se enche ainda mais de estrelas.

Então, aos poucos vão se apagando o que resta da luz de Ybi, até que

tudo fica completamente imerso em Yamí, a noite.

No firmamento, o tapirapé está vazio. Tainaça chora. E chora tanto que suas lágrimas formam um pequeno lago a seus pés.

Tupã, que havia tirado uma soneca depois de se empanturrar de ticuan-ga e tikira, acorda e passeia por Ybi. Acha estranho a escuridão que tudo cobre e o pequeno lago à beira do Ururaí. Então desce e vê a menina chorando junto ao lago, que chama de Ycuruí.

Anhangá, acuado pela presença do rival, refugia-se no caule de uma timbaúba e fecha os olhos para que Tupã não o reconheça. Mas o deus tudo pode e, encontrando o demônio dentro da árvore, aprisiona-o ali mesmo.

Toda a floresta estremece quando Tupã, irado, faz trovejar e grita para as tiriricas, ordenando que instiguem ybytu, o vento; amana, a chuva e ama-tiri, o raio.

Quando milhares de feixes de luz cortam o horizonte, os seres da mata iniciam a algazarra. O céu despeja e os pingos cravam na pele fina da curuminha. Radiante, ela corre contra ybytucatú, o vento bom, e nesse instante, com o peito encharcado, levanta os olhos e sorri ao ver o caminho das flechas e os bichos carregados de estrelas subindo de novo para repovoar o tapirapé.